

Construções condicionais no discurso de autoajuda

Conditional constructions in self-help discourse

Anna Flora Brunelli¹
Gisele Cássia de Sousa²

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar o funcionamento de orações condicionais no discurso de autoajuda em português. A fundamentação teórica é constituída de estudos discursivos que caracterizam o discurso em questão em termos de um discurso autoritário e de pesquisas funcionalistas que descrevem a língua em uso e consideram aspectos formais, semânticos e pragmáticos das orações condicionais do português. As análises fundamentam-se na ocorrência de construções condicionais prototípicas, introduzidas pela conjunção *se*, presentes em uma obra bastante popular no Brasil, representativa do discurso de autoajuda. Os resultados revelam, por um lado, o importante papel que as condicionais desempenham nesse tipo de discurso para a construção da argumentação e para a garantia de envolvimento do enunciatário de modo a alcançar sua total adesão às orientações e propostas de atitudes a serem tomadas. Por outro lado, observa-se o funcionamento específico das condicionais factuais e eventuais na atenuação do tom impositivo que caracteriza o discurso de autoajuda, e das condicionais contrafactuais na ilustração das teses apresentadas.

Palavras-chave: Gramática Funcional. Construções Condicionais. Discurso de Autoajuda.

Abstract: This paper aims to analyze the functioning of conditional sentences in the self-help discourse in Portuguese. The theoretical foundation consists of discursive studies that characterize the discourse in question as authoritarian and functionalist researches that describe usage language and consider formal, semantic and pragmatic aspects of the conditional sentences of Portuguese. The analyzes are based on the occurrence of prototypical conditional constructions, introduced by the conjunction *if*, present in a very popular book in Brazil, representative of the self-help discourse. The results reveal, on the one hand, the important role that the conditionals play in this type of discourse for the construction of the argument and for the guarantee of the reader's involvement in order to achieve their full adherence to the guidelines and proposals for actions to be taken. On the other hand, the specific functioning of factual and eventual conditionals is observed in attenuating the imposing tone that characterizes self-help discourse, while the counterfactual conditionals function to illustrate the theses present on this discourse.

Keywords: Functional Grammar. Conditional Constructions. Self-help Discourse.

¹ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, São José do Rio Preto, SP, Brasil. Endereço eletrônico: anna.brunelli@unesp.br.

² Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, São José do Rio Preto, SP, Brasil. Endereço eletrônico: gisele.cassia@unesp.br.

Introdução

A análise de produções linguísticas reais tem, como sabe, papel central em teorias linguísticas que se definem como funcionalistas. Conforme se reconhece, é a partir de expressões linguísticas efetivamente produzidas que se pode compreender a função essencial da linguagem: a comunicativa-interacional. A separação entre os módulos de descrição linguística presente nas teorias funcionalistas – morfossintático/fonológico, semântico e pragmático – constitui, nesse sentido, recurso metodológico que permite vislumbrar aspectos específicos das expressões linguísticas analisadas. Todas as teorias reconhecem, entretanto, mais ou menos explicitamente, a primazia da pragmática, que tem o discurso/texto como seu *locus* de expressão, sobre a semântica e a morfossintaxe. Como um pressuposto funcionalista, aspectos semânticos e formais estariam, desse modo, a serviço da pragmática e, assim, das funções comunicativas de uma língua (e.g. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008; GIVÓN, 1984, 1990, 1995; LANGACKER, 1987, 2001; BYBEE, 2010).

Apesar da importância crucial dada à pragmática, parte significativa dos estudos descritivos acabam por focalizar fatores semânticos de um modo mais sistemático e homogêneo, do que propriamente fatores pragmáticos/interacionais. Givón (1998) atribui essa preponderância dos aspectos semânticos a um viés metodológico intuitivo dominante nas análises funcionalistas e que, segundo o autor, deveria ser alterado para o alcance mais amplo de explicações funcionais:

Nossa intuição semântico-proposicional sobre agentes, pacientes e verbos é acessível e replicável. Mas nossa intuição pragmático-discursiva sobre a função comunicativa da gramática acaba por ser muito inconstante. É aí que o linguista deve abandonar o tradicional método de reflexão consciente sobre o que é e o que faz a gramática e buscar métodos empíricos não intuitivos, capazes de levar à identificação da correlação entre forma gramatical e função comunicativa. (GIVÓN, 1998, p. 58)³

De modo a buscar contribuir para a ampliação dos estudos funcionalistas empíricos a que se refere Givón, neste trabalho, considerando as características do discurso de autoajuda (CHAGAS, 1999; BRUNELLI, 2004), analisamos o funcionamento semântico-pragmático de construções condicionais prototípicas (iniciadas por *se*) presentes nesse discurso. Adotamos o

³ Our propositional semantic intuition about agents, patients and verbs seems both accessible and replicable. But our discourse-pragmatic intuition about the communicative function of grammar turns out to be rather fickle. This is where linguist must give up the traditional method of conscious reflection about what grammar is and what grammar does, and search for non-intuitionist empirical methods, ones capable of teasing out the correlation between grammatical form and communicative function. (GIVÓN, 1998, p. 58)

ponto de vista funcionalista para as descrições e procuramos verificar qual é o papel que as condicionais exercem na constituição do discurso, isto é, como servem aos propósitos comunicativos na construção do discurso de autoajuda.

Para as análises, selecionamos como *corpus* uma obra representativa do discurso em questão, isto é, o livro “O sucesso não ocorre por acaso” de Lair Ribeiro (1992), obra que vendeu milhares de exemplares no Brasil e que foi, inclusive, comercializada em outros países para cujos idiomas foi traduzida. Essa obra é a fonte das orações condicionais que analisamos do ponto de vista qualitativo, ou seja, trata-se menos de levantar a frequência das condicionais e/ou de seus subtipos no discurso de autoajuda, e mais de verificar quais os efeitos de sentido que sua ocorrência desencadeia nesse discurso.

Antes de entrarmos na análise propriamente dita, no próximo item, apresentamos as principais características do discurso de autoajuda, a fim de compreendermos o contexto de ocorrência das orações de que vamos tratar.

Sobre o discurso de autoajuda

De modo geral, podemos dizer que o discurso de autoajuda se apresenta com a finalidade de ensinar fórmulas eficientes para a realização bem sucedida de uma série de tarefas, tais como: alcançar o sucesso profissional e financeiro, obter autoconfiança, conquistar o parceiro ideal ou um emprego melhor, curar doenças crônicas, resolver problemas de personalidade etc. Trata-se de aspirações corriqueiras, comuns a um conjunto indefinível de pessoas dos mais variados lugares, classes sociais e até idades.

O discurso de autoajuda⁴ sustenta a tese de que cada pessoa é responsável pelo seu próprio sucesso ou fracasso, o que justifica o fato de encontrarmos, em textos representativos desse discurso, sequências linguísticas do tipo “o sucesso está em suas mãos”, “você é o dono do seu próprio destino”, “a vida que você leva foi criada por você”. Com a tese de que cada um constrói seu próprio destino, na condição de o *único* responsável pela própria felicidade ou tristeza, pelo que há de bom ou ruim em sua vida, o discurso de autoajuda desconsidera as condições sócio-históricas a que as pessoas estão submetidas.

O discurso de autoajuda também sustenta a tese de que o “segredo” para que qualquer um consiga melhorar de vida, alcançar o sucesso, ganhar muito dinheiro, etc. está na crença incondicional na realização dos sonhos, do projeto de vida, dos desejos, etc. Assim, quem acredita que vai conseguir, consegue e quem duvida, não. O suposto segredo do sucesso é,

⁴ A caracterização do discurso de autoajuda que apresentamos neste item se baseia na análise desenvolvida por Brunelli (2004, 2008).

nesses termos, uma questão de fé, de crença absoluta e, essencialmente, de jamais duvidar do poder que se tem de mudar a realidade. Como se trata de uma questão de acreditar, de não duvidar, o enunciador desse tipo de discurso também manifesta em seus enunciados essa mesma crença/confiança que prega como necessária com relação às teses que propõe. Por isso, esse discurso é bem marcado por um tom de convicção. A esse respeito, Chagas (1999) ressalta que os livros de autoajuda trazem

[...] na sua estrutura, *conteúdos e convicções inabaláveis*, como se, de fato, fossem experiências testadas e aprovadas pelas pessoas. Nesse discurso *não existem indagações ou dúvidas*. O que eles trazem é a resposta de uma promessa dogmática e definitiva. (CHAGAS, 1999, p. 75; grifo nosso)

Esse modo de enunciar categórico, comprometido com a certeza, confere credibilidade ao discurso, que se apresenta como uma verdade que independe de quem enuncia, o que cria a impressão de objetividade e neutralidade, favorecendo a veracidade do conteúdo asseverado e intensificando consideravelmente o seu poder persuasivo.

O discurso de autoajuda também afirma que quem tem uma atitude positiva consegue o que quer e prospera; já quem tem uma atitude negativa não só não prospera, como também atrai situações desagradáveis. Por isso, sugere aos seus enunciatários que assumam uma atitude positiva perante a vida, adotando uma forma ideal de formular pensamentos e de enunciar específica. Isso porque, segundo esse mesmo discurso, as palavras, sejam aquelas que constituem os diálogos interiores, sejam aquelas que são exteriorizadas, têm poder “criativo”, que consegue produzir qualquer tipo de situação, tanto positiva quanto negativa. Como a mente reproduz tudo o que se pensa e se diz, devemos, segundo esse discurso, saber exatamente o que queremos e nos concentrarmos nisso, descartando o que não é desejado, para que isso não aconteça. Daí a necessidade de formularmos o pensamento e o que dizemos com objetividade e assertividade, para não atrairmos justamente o que é indesejado.

Desse modo, podemos dizer que a “objetividade” no discurso em questão é entendida como um sinônimo de direcionamento, de priorizar o que interessa; assim, pensar ou enunciar com objetividade é direcionar o pensamento ou a enunciação exatamente para o que se almeja, focalizando somente o que se quer. Como no caso da certeza, essa objetividade proposta pelos enunciadores de autoajuda também pode ser percebida em seu discurso; afinal, o discurso de autoajuda é muito mais um conjunto de orientações, de direcionamentos do que um convite à reflexão. Por isso, esse discurso, à sua maneira, também “prioriza o que interessa”, ao apresentar, ao lado de um conjunto relativamente pequeno de teses, um

conjunto de orientações que supostamente devem conduzir seus enunciatários rumo ao êxito de seus projetos. Isso explica a grande quantidade de frases imperativas que podemos encontrar nos textos representativos desse discurso. Espécie de manual de sobrevivência do mundo atual, o discurso de autoajuda dispensa as discussões de suas teses ao apresentá-las como verdades inquestionáveis. Ao invés de estimular a reflexão acerca dos problemas do mundo contemporâneo que afetam negativamente a vida dos indivíduos, esse discurso oferece aos seus enunciatários supostas receitas e segredos para solucionar qualquer tipo de problema. Ou seja, é um discurso que se propõe a atender as expectativas de alguém que está precisando que lhe digam como fazer as coisas, como administrar a sua vida.

Na verdade, o discurso de autoajuda não se dispensa apenas de apresentar uma reflexão mais profunda a respeito das teses que apresenta. Com a tese a respeito da responsabilidade que os homens têm sobre os seus destinos, ela se coloca numa posição privilegiada na qual não há necessidade de oferecer qualquer reflexão a respeito dos inúmeros problemas do mundo de hoje e dos efeitos negativos que provocam nas pessoas, ou seja, a maneira como o discurso de autoajuda apresenta suas teses implica uma atitude acrítica. Assim, ao invés de discutir causas, o discurso de autoajuda oferece receitas de soluções e, com elas, promete a metamorfose de uma pessoa fraca e insegura em alguém todo poderoso, capaz de resolver todos os seus problemas independentemente do contexto em que está inserido. Essa característica enunciativa do discurso de autoajuda também é detectada por Chagas. Nas palavras do autor:

Os conteúdos discursivos dessas literaturas produzem um nível de atração caracteristicamente autoritário em sua imponência e convicção. *Não existe interesse pela reflexão do pensamento crítico*, visto que sua proposta é a de dar certo, jamais falhar. [...] Mais do que demonstrar, esse discurso visa fascinar, nada mais, nada menos, do que pelas expressões maravilhosas de seus líderes [...]. *As palavras ou frases proferidas orientam o sujeito para as ações*. Assim, todo e qualquer orador que vem promover o otimismo e a motivação pela autoajuda, *não permite sequer uma análise ou reflexão crítica sobre as fórmulas e técnicas ensinadas*. O que os líderes fascinadores da autoajuda indicam, através de seus discursos (muitas vezes provocativos), é que todos os sonhos, isto é, todas as ilusões, podem tornar-se realidades, de forma semelhante, como acontece nos contos de fadas e como num passe de mágicas [...]. (CHAGAS, 1999, p. 75; grifo nosso)

Por fim, uma outra característica desse discurso é seu tom otimista⁵. Afirmando que “semelhante atrai semelhante” (RIBEIRO, 1992, p. 58), esse discurso sustenta que as pessoas

⁵ Característica evidenciada também por Chagas (1999), conforme podemos notar na mesma citação apresentada (“fascinar”, “expressões maravilhosas”, “otimismo”, “motivação”).

devem pensar única e exclusivamente em coisas positivas para que, com pensamentos de sucesso, consigam finalmente atraí-lo. É por isso que o discurso de autoajuda é marcado por um tom de otimismo e esperança, descartando qualquer referência negativa ao mundo de hoje (BRUNELLI, 2008). Cria-se, com isso, uma atmosfera de entusiasmo, na qual os enunciatórios podem encontrar um amparo para a insegurança que aflige a sociedades pós-modernas.

A tipologia das construções condicionais

Antes de analisarmos o papel das orações condicionais no discurso da autoajuda, vamos caracterizar sucintamente os tipos de orações condicionais que existem em língua portuguesa, a fim de melhor compreender o seu funcionamento no discurso em questão.

Segundo Neves (2000), há três tipos básicos de construções condicionais em português: as *factuais*, as *eventuais* e as *contrafactuais*. Nas primeiras, enuncia-se, na prótase (a condicional), um *fato* apresentado como verificado; diz-se que esse fato é ou não é, embora colocando-se a proposição no âmbito do verificador de factualidade *se*. Na apódose (oração principal), encontra-se uma conclusão ou implicação do fato na apódose, o que justifica a proximidade dessas construções com as construções causais. Vejamos um exemplo:

(1) *Se o senhor não recebeu o telegrama*, então eu vou apurar quem o engoliu.⁶

Esse enunciado pode ser lido da seguinte forma: SE (*é um fato que*) o senhor não recebeu o telegrama, então (*daí, em consequência*) eu vou apurar quem o engoliu. Desse modo, podemos dizer que essas construções têm uma nuance causal, que pode ser explicitada da seguinte forma: *causa hipotética*: o senhor não recebeu o telegrama; *consequência*: eu vou apurar quem o engoliu. Nesse caso há, na oração condicional, um evento afirmado como factual que é apresentado como causador do evento da oração principal; assim, na oração principal, o evento é apresentado como uma consequência do evento da oração condicional.

Esse mesmo esquema pode ser invertido. Vejamos o próximo exemplo:

(2) *Se ela não fala com você*, é porque você não soube dialogar com ela.

Nesse caso, também temos na condicional um evento afirmado como factual, mas esse evento não é apresentado como causador do evento da oração principal; pelo contrário, ele

⁶ Todos os exemplos apresentados neste item foram formulados pelas autoras para facilitar a exposição.

aparece como consequência do evento da oração principal, que, por sua vez é apresentado como a causa do evento anterior. Esse tipo de construção normalmente vem marcado pela expressão “é porque” na oração principal.

Do ponto de vista formal, as orações factuais apresentam correlações modo-temporais bastante frequentes, a saber: (i) modo indicativo em ambas as orações, o que é um indicador de sua factualidade, (i) presente ou passado na prótase; (ii) presente, passado ou futuro na apódose.

Já no caso das construções condicionais eventuais, o fato expresso na prótase repousa sobre a *eventualidade* de que depende o fato expresso na apódose; o enunciado na apódose é tido como certo desde que eventualmente satisfeita a condição enunciada na prótase. Vejamos um exemplo:

(3) *Se o Raul deixar*, eu mostro o quadro que ele pintou.

Esse tipo de oração condicional também pode expressar um matiz alternativo, isto é, uma disjunção, como no seguinte exemplo:

(4) *Se você não consegue se controlar*, você não consegue dormir (= *ou* você consegue se controlar *ou* você não consegue dormir).

As correlações modo-temporais mais frequentes dessas construções são, também de acordo com Neves (2000): (i) modo indicativo na principal, e indicativo ou subjuntivo na condicional, embora nesse caso o subjuntivo seja mais frequente em razão de haver indicação de eventualidade; (ii) presente, passado ou futuro na condicional (o futuro do subjuntivo é o mais usual); (iii) presente, passado ou futuro na principal.

Por fim, temos as construções condicionais *contrafactuais*. Nessas construções, enuncia-se, na prótase, um determinado fato cuja realização conduziria à realização do fato enunciado na apódose. Fica afirmado, porém, que o fato na condicional não se realizou; nem se realizou, portanto, o fato na principal, tal como ilustra o seguinte exemplo:

(5) *Se a pergunta tivesse partido de Flora*, a resposta de Bernardo teria sido outra.

Como podemos observar, nesses casos, fica pressuposta uma inversão da polaridade dos fatos expressos na oração principal e na condicional, o que pode ser esclarecido pelo seguinte esquema de leitura:

- prótase positiva: se a pergunta tivesse partido de Flora (= fato com polaridade negativa, isto é, a pergunta NÃO partiu de Flora).
- apódose positiva: a resposta de Bernardo teria sido outra (fato com polaridade negativa, isto é, a resposta NÃO foi outra.)

Quanto às correlações modo-temporais mais frequentes, temos, para esse tipo de condicionais, as seguintes possibilidades: (i) modo subjuntivo na condicional, e indicativo na principal; (ii) formas de passado (pretérito imperfeito, mais-que-perfeito e futuro do pretérito) em ambas as orações.

O funcionamento das construções condicionais no discurso de autoajuda

No discurso de autoajuda, encontramos os três tipos de orações condicionais descritos anteriormente. Vejamos alguns exemplos, começando com as condicionais factuais:

(6) *Se você convive em ambientes de pessoas negativas, é difícil desenvolver uma autoestima sadia.* (RIBEIRO, 1992, p. 55)

(7) *Se você vive em terreno de peru, é muito difícil você aprender a voar feito águia.* (RIBEIRO, 1992, p. 31)

(8) *Se alguém lhe provoca a sensação de inferioridade ou de infelicidade é porque você está deixando, você está dando permissão: o sentimento é seu e é você quem decide o que quer sentir.* (RIBEIRO, 1992, p. 31)

Nos exemplos em questão, temos três ocorrências de orações condicionais factuais: as duas primeiras com nuance causal, e a última com nuance conclusiva. Conforme podemos notar, nos três casos as condicionais expressam indiretamente uma orientação. Assim, nos dois primeiros casos, temos uma orientação indireta, expressa pela condicional, seguida pelo objetivo almejado que deve ser atingido pelo enunciatório e que vem expresso na principal. No terceiro exemplo, por sua vez, a condicional expressa a consequência negativa que o enunciatório deve evitar seguindo a orientação expressa na principal e que equivale, justamente, à causa do fato expresso na condicional, iniciada pela locução conclusiva “é porque”. Mais exatamente, diz-se ao enunciatório que siga a orientação dada na principal, isto é, que ele não deixe ninguém lhe provocar sensação de inferioridade/infelicidade e/ou não dê permissão para que ninguém o faça se sentir inferior/infeliz, para evitar a consequência negativa expressa na condicional, ou seja, a sensação de inferioridade/infelicidade.

Considerando essas leituras, os exemplos de (06) a (08) podem ser parafraseados da seguinte forma:

- (6') Não conviva com pessoas negativas, para desenvolver uma autoestima sadia.
- (7') Não viva em terreno de peru, para que consiga voar feito águia.
- (8') Não deixe ninguém lhe provocar a sensação de inferioridade ou infelicidade e, com isso, evite tais sensações.

Vejamos agora exemplos de condicionais eventuais:

- (9) *Se você mudar, o mundo muda com você.* (RIBEIRO, 1992, p. 42)
- (10) *Se você pensar nos momentos bem-sucedidos que já teve na vida, mais sucesso vai aparecer.* (RIBEIRO, 1992, p. 58)
- (11) *Se eu tiver amor, é o que receberei.* (RIBEIRO, 1992, p. 41-2)
- (12) *Se você mudar a sua estrutura, pode mudar a sua vida.* (RIBEIRO, 1992, p. 62)
- (13) *Se você falha em planejar, está planejando falhar.* (RIBEIRO, 1992, p. 84)

Conforme podemos notar, como no caso das factuais, as eventuais também se prestam a expressar uma orientação indireta formulada pelo enunciador de autoajuda para o seu enunciatário. A condicional expressa a orientação indireta propriamente dita, enquanto a principal expressa o objetivo a ser almejado, que deve ser atingido pelo enunciatário. Nesses termos, os exemplos acima podem ser parafraseados da seguinte forma:

- (9') Mude, para que o mundo mude com você.
- (10') Pense nos momentos bem-sucedidos que já teve na vida, para que mais sucesso apareça.
- (11') Tenha amor, para que você o receba.
- (12') Mude a estrutura, para poder mudar a sua vida.
- (13') Não falhe em planejar, para não planejar falhar.

Diante do exposto, podemos dizer que as orações factuais e as eventuais veiculam uma orientação indireta ao enunciatário, por isso servem como recurso de atenuação do tom impositivo/imperativo típico do discurso de autoajuda. Além disso, entre as condicionais factuais e eventuais, podemos observar graus distintos de atenuação da força impositiva da orientação dado pelo enunciador de autoajuda: as factuais, em comparação às eventuais, são mais impositivas, embora menos do que as orientações expressas no imperativo. Essa gradação não está relacionada exclusivamente à oração condicional, mas também aos modos indicativo e subjuntivo presentes nas construções. De acordo com Givón (1995), o indicativo equivale ao modo *realis*, indicativo de certeza e factualidade, de que decorre grau maior de

direcionamento/imposição da orientação dada. Já o subjuntivo, pertencente ao modo *irrealis*, serve à indicação de incerteza e eventualidade, de que deriva o menor grau de direcionamento/imposição da orientação, o que podemos representar pelo seguinte esquema:

Figura 1 – Graus de força imperativa nas construções condicionais



Fonte: elaborado pelas autoras.

Além desses dois tipos de orações condicionais, no discurso de autoajuda ocorrem orações condicionais contrafactuais, que são empregadas na construção dos exemplos hipotéticos, para ilustrar algumas das teses do discurso de autoajuda. Entre as contrafactuais, há as canônicas e as que apresentam nuance eventual.

Nas contrafactuais canônicas, apresentam-se fatos com polaridade invertida, ou seja, afirma-se um não-fato. Exemplos:

(14) *Se o seu pai não tivesse feito isso* [batido muito em você], quem sabe, talvez você fosse hoje um criminoso. (RIBEIRO, 1992, p.23)

Nesse caso, aplicando a análise da polaridade invertida, temos:

- prótase negativa: se o seu pai não tivesse feito isso (batido muito em você) → fato com polaridade positiva: seu pai FEZ isso;
- apódose positiva: talvez você fosse hoje um criminoso → fato com polaridade negativa: você hoje NÃO é um criminoso.

(15) *Se num determinado momento*, quando neste seu treinamento ainda neném, você *dissesse*: “Não vou conseguir, não adianta” – você não estaria andando até hoje. (RIBEIRO, 1992, p. 53)

Neste exemplo, por sua vez, a análise da polaridade invertida nos leva ao seguinte esquema de leitura:

- prótase positiva: se, quando ainda neném, você *dissesse*: “não vou conseguir” → fato com polaridade negativa: você NÃO disse “não vou conseguir”;

- apódose negativa: você não estaria andando até hoje → fato com polaridade positiva: hoje você ANDA.

Já no caso das contrafactuais com nuance eventual, fica pressuposta a polaridade invertida apenas do fato na condicional. A esse tipo de condicional, bastante frequente no *corpus*, associa-se uma nuance de potencialidade embora a construção também apresente formas verbais de pretérito e expresse contrafactualidade. O fato na oração condicional é entendido como contrafactual (não-fato) por se tratar de um mundo possível que não representa a realidade, mas que é criado exclusivamente para exemplificação da tese a ser defendida, a partir de situação mais concreta e, por isso, mais facilmente compreendida (e aceita) pelo enunciatário, que aliás é geralmente incluído nessas situações por meio do emprego dos pronomes *você* e *nós*, como em:

(16) *Se de repente você esquecesse tudo o que aprendeu até agora no ginásio, no colégio e na faculdade, ainda assim estaria melhor do que qualquer pessoa que nunca estudou.* (RIBEIRO, 1992, p. 13)

Em outras palavras, ficam pressupostas nessas construções um conjunto de afirmações. No caso do exemplo (16), as afirmações pressupostas são:

- (i) considere um mundo possível (que não equivale à realidade, mas se destina a essa exemplificação) em que você esqueceu tudo o que aprendeu;
- (ii) nesse mundo, na *eventualidade* de “você esquecer tudo o que aprendeu” (satisfeita essa condição), o fato de “você estar melhor do que qualquer pessoa que nunca estudou” é para ser considerado como certo.

Vejamos mais alguns exemplos e as afirmações que pressupõem:

(17) Antes de Newton demonstrar a Lei da Gravidade, *se você pulasse de um penhasco, fatalmente cairia*: a gravidade não está nem aí se você a entende ou não. (RIBEIRO, 1992, p. 39)

- (i) considere o mundo possível (que não equivale à realidade) de você pular de um penhasco; e
- (ii) nesse mundo, na *eventualidade* de “você pular de um penhasco” (satisfeita essa condição), o fato de “você fatalmente cair” é para ser considerado como certo.

(18) *Se você estivesse hipnotizado*, você levantaria somente a mão, e não a mão e o antebraço, como você provavelmente fez. (RIBEIRO, 1992, p. 64)

- (i) considere o mundo possível (que não equivale à realidade) de você estar hipnotizado; e
- (ii) nesse mundo, na *eventualidade* de “você estar hipnotizado” (satisfeita essa condição), o fato de “você levantar somente a mão” é para ser considerado como certo.

(19) *Se você dissesse: vou lê-lo até o final do mês*, você arrumaria tempo para fazê-lo. (RIBEIRO, 1992, p. 77)

- (i) considere o mundo possível (que não equivale à realidade) de você dizer: “vou lê-lo (esse livro) até o final do mês; e
- (ii) nesse mundo, na *eventualidade* de “você dizer: vou lê-lo até o final do mês” (satisfeita essa condição), o fato de “você arrumar tempo para fazê-lo” é para ser considerado como certo.

Assim, diferentemente das contrafactuais canônicas, nas contrafactuais eventuais fica pressuposta a polaridade invertida apenas do fato na condicional; o fato na principal é tido como certo (*factual*, independentemente de sua polaridade) desde que preenchida a condição expressa:

- prótase positiva: se você pulasse de um penhasco → fato com polaridade negativa: você **não** pulou de um penhasco, mas considere como possível um mundo em que isso eventualmente ocorresse;
- apódose positiva: você fatalmente cairia → fato positivo (em vez de negativo): *você cairia (desde que/se eventualmente pulasse de um penhasco)*
- prótase positiva: se você estivesse hipnotizado → fato com polaridade negativa: você **não** está hipnotizado, mas considere como possível um mundo em que isso eventualmente ocorresse;

- apódose positiva: você levantaria somente a mão → fato positivo (em vez de negativo): *você levantaria somente a mão (desde que/se eventualmente estivesse hipnotizado)*

Diante do exposto, podemos dizer que essa função que têm as condicionais no discurso de autoajuda, isto é, a de servir à construção de exemplos que sustentam as teses do discurso em questão, é favorecida pela função mais ampla que têm as condicionais de todos os tipos de atuar na criação de “mundos possíveis”, conforme aponta Traugott (1985). Nesse discurso, porém, são acionadas para essa função especialmente as condicionais *contrafactuais*, de modo a tornar claro que os fatos anunciados não devem ser entendidos com referência ao mundo real, mas exclusivamente com referência à situação criada para validar uma ideia/tese. Podemos dizer, assim, que, nesse discurso, essas condicionais servem a um recurso voltado à organização textual e à argumentação, já que se destinam à clareza das demonstrações e, conseqüentemente, ao convencimento do enunciatário acerca da validade do que é afirmado.

Além disso, a função de indicar uma orientação, de forma menos direta e impositiva, que têm as condicionais *factuais* e *eventuais*, também as tornam formas que, nesse discurso, servem a estratégias persuasivas. Como alternativa a formas do imperativo, essas condicionais permitem que se alcance maior adesão do enunciatário de autoajuda à orientação transmitida, na medida em que elas permitem tanto atenuar o tom marcadamente autoritário desse discurso, quanto envolver mais diretamente o enunciatário no conteúdo do enunciado (máxima no discurso de autoajuda), levando-o a estabelecer vínculos condicionais (relações de causa e consequência) entre atitudes e sua condição econômica e/ou profissional, no caso da obra em análise.

Também essa função de propiciar maior envolvimento do enunciatário pode ser considerada como proveniente de uma função mais ampla das condicionais, como tópicos indicativos de informação dada, tal como apontam, por exemplo, Haiman (1978), Traugott (1985) e Neves (2000).⁷ Conforme demonstram esses autores, as condicionais, especialmente as antepostas, assim como os tópicos discursivos, funcionam na interação como informação “compartilhada”, no sentido de que a continuidade do conteúdo na apódose pressupõe concordância, ou discordância do interlocutor. Assim, é como se o enunciador propusesse uma questão (o conteúdo tópico) e obtivesse do enunciatário o consentimento (ou não) da

⁷ Em razão desse funcionamento, Dik (1997) atribui a construções condicionais a macrofunção pragmática de Orientação.

validade do que ele propôs. No momento da enunciação, ambos concordariam, desse modo, sobre a validade da proposição, e essa concordância ou discordância entre eles, passa a funcionar como base para o que o falante diz em seguida. As paráfrases abaixo, relativas aos exemplos (06), ilustram esse funcionamento.

(6'') *Se você convive em ambientes de pessoas negativas, é difícil desenvolver uma autoestima sadia.*

A: *Você convive em ambientes de pessoas negativas?*

B: Sim (concordância).

A: Então você não desenvolverá uma autoestima sadia.

Ou:

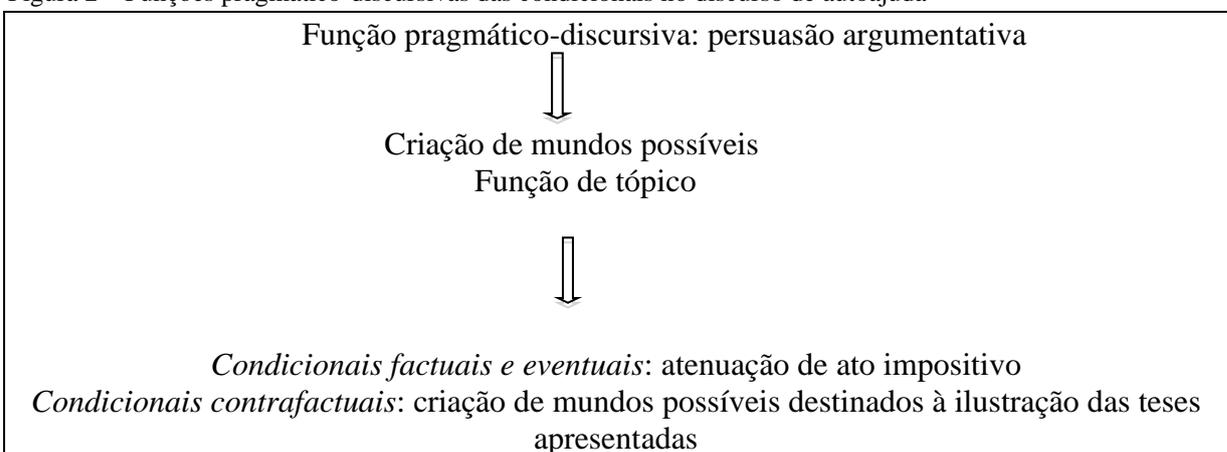
A: *Você convive em ambientes de pessoas negativas?*

B: Não (discordância).

A: Logo, você desenvolverá uma autoestima sadia.

Diante das considerações aqui expostas, podemos representar o papel das construções condicionais no discurso de autoajuda por meio do seguinte esquema:

Figura 2 – Funções pragmático-discursivas das condicionais no discurso de autoajuda



Fonte: elaborado pelos autores.

Conclusões

Neste trabalho, analisamos o papel das orações condicionais no discurso de autoajuda. Em termos mais gerais, as análises aqui apresentadas reforçam o princípio funcionalista de que certas estruturas linguísticas são recrutadas para o cumprimento de funções interacionais mais amplas nos textos em que são empregadas. No caso das condicionais no discurso de autoajuda, essas funções são a de contrabalancear o tom caracteristicamente impositivo desse

tipo de discurso e de propiciar ao enunciador de autoajuda o alcance de maior adesão do enunciatário às teses e formas de conduta que ele lhe apresenta. Em termos mais específicos, esses resultados também se mostram como evidência clara do pressuposto funcionalista de que as gramáticas das línguas se moldam a partir de e para o uso efetivo que os falantes fazem delas, a fim de atingir diferentes propósitos comunicativos.

Referências

- BRUNELLI, A. F. **O sucesso está em suas mãos: análise do discurso de autoajuda**. 2004. 194 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 2004.
- BRUNELLI, A. F. Confiança e otimismo: intersecções entre o *ethos* do discurso de autoajuda e do discurso da Amway. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (Orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 133-148.
- BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.
- CHAGAS, A. T. S. **A ilusão no discurso da autoajuda e o sintoma social**. Ijuí: Editora da Unijuí, 1999.
- DIK, S. C. **The theory of Functional Grammar**. Part II – Complex and derived constructions. New York: Mouton, 1997.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction** (vol. I). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.
- GIVÓN, T. **Syntax: a functional-typological introduction** (vol. II). Amsterdam: J. Benjamins, 1990.
- GIVÓN, T. **Functionalism and Grammar**. Amsterdam: J. Benjamins, 1995.
- GIVÓN, T. The Functional Approach to Grammar. In: TOMASELLO, M. (Eds.). **The New Psychology of Language: cognitive and functional approaches to language structure**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998. p. 41-66.
- HAIMAN, J. Conditional are topics. **Language**, v. 54, p. 564-589, 1978.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. **Functional Discourse Grammar: a typologically-based theory of language structure**. New York: Oxford University Press, 2008.
- LANGACKER, R. W. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, R. W. Discourse in Cognitive Grammar. **Cognitive Linguistics**, v. 12, n. 2, p. 143-188, 2001.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: EDUNESP, 2000.

RIBEIRO, L. **O sucesso não ocorre por acaso**. 25. ed. São Paulo: Rosa dos Tempos, 1992.

TRAUGOTT, E. C. Conditional markers. In: HAIMAN, J. (Ed.). **Iconicity in syntax**. Amsterdam: John Benjamins, 1985. p. 289-307.

Sobre os autores

Anna Flora Brunelli (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-4981-3291>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com pós-doutorado na mesma instituição. É professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de São José do Rio Preto.

Gisele Cássia de Sousa (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0003-2615-5126>)

Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Araraquara, com estágio de pós-doutorado na Universidade Católica Portuguesa; mestra em Estudos Linguísticos e graduada em Letras pela UNESP, Campus de São José do Rio Preto. É professora do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da UNESP, Campus de São José do Rio Preto.

Recebido em junho de 2020.

Aprovado em agosto de 2020.